



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

As estranhas “coincidências” na liberação bilionária de 95 cursos de medicina privados

Por Cláudio Magnavita

As entidades médicas do Rio ficaram perplexas com o anúncio, realizado pelo ministro da Educação, o ex-governador do Ceará, Camilo Santana, no último dia 04 de outubro, da autorização para a criação de 95 cursos de Medicina no país, ou seja, 5.700 vagas.

■ A notícia animou muito mais o mercado financeiro, do que a classe médica. Os cursos de Medicina são o filé mignon das instituições particulares de ensino. Muitas delas se mantêm através da carteira destes cursos, negociadas no mercado e dadas como garantia de operações bancárias. A conta é simples, uma mensalidade em uma escola privada vai de R\$ 6.000,00 a R\$ 20.000,00, dependendo da instituição. É um curso caro pelo alto custo do corpo docente e laboratórios, em alguns casos, também pela existência de hospitais escolas, mais comuns nas faculdades públicas. Cada turma autorizada é de 60 alunos e se for considerada a mensalidade mínima de R\$ 6.000,00, serão R\$ 360.000,00 por mês, ou R\$ 4.320.000,00 por ano. Se este volume for multiplicado por 95, serão injetados no mercado privado de ensino R\$ 410.400.000,00, ou seja, R\$ 2,5 bilhões em 6 anos, tempo médio de formação, só com esta primeira fornada. Lembrando que anualmente há 5.700 novos estudantes. Em quatro anos, a massa será de R\$ 10 bilhões, em cálculos cumulativos.

■ Se o setor financeiro comemora e algumas entidades de ensino festejam a safra de ouro que passarão a colher, as

entidades ligadas à classe médica, como membros da Academia Brasileira de Medicina e Conselhos, começam a se mobilizar para alertar contra alguns aspectos da decisão e de algumas assustadoras coincidências. Para compreender a preocupação, é necessário conhecer a distribuição geográfica dos 95 cursos autorizados. A Bahia, que por coincidência é o berço eleitoral do PT e responsável pela eleição do presidente Lula, é a campeã de novos cursos: 15. A terra do ministro da Casa Civil, Rui Costa, sai com 900 vagas. Em quarto lugar, a terra do próprio ministro da Educação, Camilo Santana, com 10 novos cursos e 600 vagas. Nestes dois casos, são 25 novos cursos de formação de médico. A primeira questão é assustadora: onde serão recrutados professores, espalhados em diferentes regiões, de cada um destes estados? Haverá hospitais escolas para este volume? Qual a qualidade dos médicos que serão formados nesta tsunami de cursos de medicina na Bahia e no Ceará?

■ Para apimentar esta angústia dos membros destas entidades, é só passear na distribuição das outras unidades federativas. Em terceiro lugar, estará o Pará, do aliado Helder Barbalho, com 11 cursos e 660 vagas. Em quinto, o Maranhão com 9 cursos e 540 vagas. Existem no mercado professores qualificados neste dois estados para uma fornada de quase 20 novas escolas médicas?

■ O estado de São Paulo, berço histórico do PT, terra do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ficou em segundo lugar com 13 cursos e 780 vagas. Esta fornada vai fazer

novos milionários na indústria da educação paulista. Já o Rio, que concentra cursos que formam especialistas e professores para a área médica, recebeu apenas um. A cidade escolhida foi Niterói que, por coincidência, é comandada pelo PDT, do ministro Carlos Lupi.

■ Instituições como a PUC-Rio, universidade ligada à Igreja Católica, que fornece bolsas de estudo por obrigação estatutária, coisa rara nos cursos de medicina, aguardam há anos a possibilidade de criar a sua própria formação médica. Ela é rechaçada por esta canetada que criou 95 escolas de medicina em todo o Brasil e deixou apenas uma vaga para todo o estado do Rio.

■ Por ter sido capital da República e sediar escolas públicas federais, o Rio não merecia ser punido. A medicina da PUC atrairia os melhores professores do país e grande parte de membros da Academia Brasileira de Medicina. Estaria formando médicos de excelência e não açougueiros.

■ Cadê a bancada fluminense na Câmara? Cadê os nossos senadores? Existem fatores que vão além da desigualdade regional. Precisamos de mais médicos, porém, de profissionais qualificados e não formados em McDonald's acadêmicos.

■ O pior é que este cenário beneficia um negócio milionário e arranca sorrisos dos bancos, principalmente, a garantia da inadimplência zero para as escolas privadas. Algo de muito estranho está por trás desta decisão, que beneficia diretamente os estados do Nordeste e, de forma especial, do próprio ministro Camilo Santana.

PINGA-FOGO

■ **FÉRIAS DO FOTÓGRAFO** - Enquanto estiver se recuperando da cirurgia no quadril, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não quer aparecer em fotos. O que acaba, de certa forma, dando um período de férias ao seu fotógrafo, o onipresente Ricardo Stuckert. Lula está se movimentando com a ajuda de um andador. E não quer ser registrado assim para não parecer fragilizado. No domingo, a primeira-dama, Janja da Silva, promoveu uma missa na capela do Palácio da Alvorada em louvor à Nossa Senhora de Nazareth. A celebração ficou por conta do cardeal Dom Raymundo Damasceno. Só Janja apareceu na foto. Lula rezou, mas fugiu do flash.

■ **CONGRESSOTUR** - Em semana, com feriado na quinta-feira (dia de Nossa Senhora Aparecida), o Congresso ficará esvaziado e vários parlamentares viajarão. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), vai à Índia, para uma reunião dos parlamentares do G-20. De lá, embarca para a China, a convite do Congresso Nacional do Povo. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vai à Europa, numa comitiva que inclui também o presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI). Pacheco irá a Portugal e depois a Paris, onde participa do Fórum Esfera Internacional.

■ **JUDICIÁRIO E EXECUTIVO** - **Judiciário e Executivo também estarão em Paris. No mesmo evento, participam: o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, e o ministro Gilmar Mendes. Pelo Executivo, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.**

■ Brasília voltou a ser a ilha da fantasia!

■ **CONTRA O ABORTO** - **O 2º Encontro Direita Conservadora de Barra Mansa durou quatro horas e entre os principais pontos, o posicionamento contrário do grupo**



CM

No 2º Encontro da Direita Conservadora de Barra Mansa, da esquerda para a direita: o empresário Bruno Marini; o deputado Delegado Ramagem; Dany Vilas Boas; e o deputado Alan Lopes

ao aborto. E, claro, o evento, ocorrido na noite de sexta-feira, no Hotel Palace Ano Bom, falou sobre a união da direita nas futuras eleições de 2024 e 2026. A reunião contou com a presença de diversas lideranças políticas do PL, como Hermiton Moura, do ‘Grupo Vem pra Direita no Sul Fluminense’; Cristiano Gonçalves, da ‘Direita de Resende’; Cristiano Heleno, da ‘Direita Pirai’ e Dany Vilas Boas, da ‘Direita Barra Mansa’.

■ **DEPUTADO FALA EM UNIÃO** - Também estiveram presentes representantes evangélicos e cerca de 150 membros da sociedade. O empresário Bruno Marini, anfitrião do evento, aponta que essa organização auxilia na defesa do direito de expressão, da liberdade e dos valores do grupo. O deputado federal Delegado Ramagem (PL-RJ) falou sobre a importância de o grupo mostrar união diante do cenário atual do país: “Somos unidos e vamos precisar mostrar nesse momento de tamanha perseguição”, disse, ao lado do deputado estadual Alan Lopes.

■ **APROVAÇÃO** - **O prefeito de Nova Friburgo, Johnny Maycon, está rindo à toa com a aprovação das contas de governo do exercício de 2022, pelo Tribunal de Contas do Estado. De acordo com o TCE, o prefeito cumpriu a destinação de recursos na Saúde e Educação, conforme determina a legislação. Mas**

não cumpriu as metas de resultados estabelecidas pela Lei de Diretrizes Orçamentárias, além de um desequilíbrio financeiro no RPPS (Regime Próprio de Previdência Social) dos servidores. Pontos que serão analisados pela Câmara dos Vereadores.

■ GNV e a FIRJAN - Ampliar o consumo de gás natural veicular (GNV) para frotas de caminhões e ônibus, contribuindo na redução das emissões de carbono, e comprovando a economia que representa seu uso – ao fixar tabelas comparativas de preços de combustíveis em postos de venda com a metodologia Litro de Gasolina Equivalente (LGE) – foram alguns dos temas do 6º Seminário Nacional do GNV. O evento foi promovido pelo Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Rio de Janeiro (Sindirepa-RJ), no último dia 5/10, na Casa Firjan. Luiz Césio Caetano, 1º vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), destacou o empenho da federação em fazer do GNV um de seus principais focos de atuação. Enquanto isso na Alerj chegam as denúncias do comércio de GNV furto dos dutos da Naturgy. Eles são vendidos abaixo do preço e até bandeiras fecham os olhos e alguns postos de marcas famosas compram este produto desviado. Uma boa pauta para a Firjan abordar na questão do GNV. Acabar com roubo é ajudar um mercado sadio.

Fernando Molica Pororoca social

Casos de barbárie, de assassinatos, de ataques terroristas e de massacres precisam ser condenados, não são perdoáveis nem admissíveis. Mas é preciso tentar entendê-los, até para evitar sua repetição. Entender não é perdoar.

Por mais terríveis e condenáveis que sejam os episódios, são consequência de fatos históricos e sociais. O poderio econômico e bélico de Israel não seria desafiado de maneira tão cruel e incisiva se não houvesse, entre radicais e cidadãos palestinos, a certeza de que, a julgar pelas medidas tomadas pelo governo do país, um acordo de paz seria impossível.

A desproporção de forças indica que, ao atacar o país, ao matar tantos inocentes, o Hamas assumiu o risco de uma espécie de suicídio coletivo, uma medida desesperada, um tudo ou nada. Gaza tem cerca de 35% do território da cidade do Rio de Janeiro, lá vivem 2 milhões de pessoas, 50% de desempregados, 60% na pobreza, sua renda per capita é em torno de 80% à registrada em favelas cariocas. Um território bloqueado por Israel há 16 anos.

Primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu não faz concessões aos palestinos, esti-

mula a presença de colonos em territórios ocupados. A exemplo de tantos políticos brasileiros, considera que a violência só pode ser respondida com violência; que a segurança dos cidadãos israelenses pode ser obtida com mais e mais medidas repressivas. O ataque do Hamas prova, mais uma vez, seu erro.

Ao asfixiar Gaza, ao se recusar a negociar, ao não admitir ceder, Netanyahu, em nome de seus eleitores, faz o jogo dos radicais — em Israel e na Palestina — e gera mais revolta e ódio. O ser humano precisa de esperança, de saídas, de possibilidades de melhoria de vida. O bloqueio de saídas contribui para o desespero, para tomada de medidas extremas.

No Rio, há décadas que governantes praticamente só recorrem a sucessivas operações policiais para, dizem, acabar com o domínio territorial de bandidos em favelas. O resultado costuma ser tão píffio quanto os obtidos por Netanyahu e aliados. O que ocorre em Israel deveria ser visto com mais cuidado por aqui. Na cidade do Rio há 1.074 favelas onde vivem 1,4 milhão de pessoas, quase a população de Gaza. Locais onde

a maioria da população vive submetida aos desmandos dos bandidos e da polícia.

Incursoes que geram mortes — inclusive entre policiais —, interrompem o funcionamento de escolas, aumentam a revolta contra um Estado incapaz de equacionar problemas crônicos de educação, saúde, habitação, trabalho digno e segurança. A situação é tão parecida que há áreas de favelas conhecidas como “Faixa de Gaza”, territórios onde conflitos são mais frequentes e intensos. A falta de esperança e de expectativas serve de estímulo para que tantos jovens optem pelo caminho radical do crime; eles sabem que vão acabar presos ou mortos, que a escolha é suicida, mas não veem outra saída.

Nós, cariocas, não precisamos de muito esforço para perceber o risco trazido pela injustiça, basta olhar para o alto ou para o lado. E não custa lembrar das palavras do general João Figueiredo, o último presidente da ditadura. Já fora do poder, alertou para o perigo do que chamou de “pororoca social” — um levante protagonizado por moradores de favelas. Ainda ressaltou que nenhum exército seria capaz de conter algo assim.

Rudolfo Lago* Em Sampa, de volta a velha polarização

A cidade de São Paulo viveu uma segunda-feira de caos com as greves do metrô, dos trens urbanos e da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). Para muito além da defesa dos interesses corporativos das categorias envolvidas nas greves, justas ou não, por trás das paralisações há a disputa eleitoral para a prefeitura da cidade no ano que vem. E, com essa disputa, de volta a velha polarização política que não parece mais nos largar. Enquanto o povo penava sem transporte, transpareciam os conceitos políticos dos principais nomes que dominam a cena eleitoral paulistana.

O mote da greve é o empenho do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) de promover privatizações das estatais do estado. Nada que devesse espantar. A defesa das privatizações é parte importante da sua plataforma de campanha, da sua visão de mundo e do discurso conservador que ele encampa. O estado mínimo é parte desse conjunto de ideias. Espantoso seria se ele recusasse do seu programa de desestatização. Tarcísio de Freitas deve apoiar, também com o provável apoio do PL, a reeleição do prefeito Ricardo Nunes (MDB).

Os sindicatos dos metroviários que fizeram a paralisação na segunda-feira são dominados pelo Psol. Também, no caso, nada que deva produzir espanto. Além da defesa dos empregos e das posições dos

trabalhadores que possam se sentir ameaçados por um processo de privatização, a defesa da estatização, de um Estado forte, definidor de políticas e indutor da economia é parte do conjunto de ideias de esquerda que o Psol defende. O deputado Guilherme Boulos (Psol-SP) lidera hoje as pesquisas de intenção de voto para a prefeitura de São Paulo, com o apoio do PT. Quem aparece em segundo é Ricardo Nunes.

Na prefeitura de São Paulo, Ricardo Nunes faz alguns malabarismos para tentar não marcar seu perfil à extrema-direita. Mais de uma vez, fez declarações onde busca se posicionar como alguém de centro. Mas, ao mesmo tempo, ele espera contar com o apoio do PL do ex-presidente Jair Bolsonaro e do Republicanos de Tarcísio. Apoios que ainda não estão completamente fechados. Há alguns dias, Tarcísio fez uma sinalização mais forte. Chegou a dizer que Ricardo Nunes era “um presente” que ele recebeu. O PL, no que parece ser parte do estilo Bolsonaro, ainda hesita. Então, ao mesmo tempo que tenta se ampliar para além do extremo, Nunes acena para ele de olho nos apoios.

Já Boulos, naturalmente, defende a manutenção do caráter estatal do transporte urbano e do saneamento. Mas ontem temia pelo caos. O prejuízo na vida do cidadão que penou para conseguir se deslocar de casa para o trabalho

e do trabalho para casa. Trabalhadores para que a greve servisse como aviso, mas que também não se estendesse demais. Vinte e quatro horas e pronto.

E, por outro lado, Boulos talvez tenha tido seu quinhão de sorte. Se a parcela estatizada do transporte urbano parou pela greve, a parcela privatizada também não funcionou. A Linha 9 do metrô, privatizada, teve problemas. Na verdade, vem tendo problemas. Também há pesquisas que mostram que o paulistano não deseja a privatização da Sabesp.

No fundo, por 24 horas, durante as greves na segunda-feira, o cidadão de São Paulo sentiu na pele a disputa de conceitos que estarão em jogo na briga eleitoral do ano que vem. E avaliará se deseja seguir no jogo polarizado que já há algum tempo vem marcando a sua vida.

De longe, houve quem certamente acompanhou o desenrolar da última segunda-feira paulistana, de olho nas suas consequências. Uma dessas pessoas deve ter sido a deputada Tábata Amaral (PDT), que tenta se colocar ali como uma terceira via...

*Jornalista. Chefe da redação do Correio da Manhã em Brasília. Responsável por furos como o dos anões do orçamento e o que levou à cassação de Luiz Estevão. Ganhador do Prêmio Esso.